Crônica de um gênero histórico

Chronique d'un genre historique

Marcella Lopes Guimarães
UFPR/NEMED

Resumo

O objetivo do presente texto é oferecer um painel atualizado a respeito do estudo da crônica medieval realizado no Brasil, sobretudo no campo histórico. Vivemos um bom momento para questionamento em vários níveis sobre a historiografia medieval no país, que já tem produzido alguns panoramas de interesse. Essas realizações evidenciam maturidade do campo, capaz de voltar-se a si mesmo a fim de perscrutar tendências, avaliar possibilidades e entender motivações de resgate ou refutação.

Palavras-chave: crônicas medievais; historiografia e balanço.

Résumé

A partir d'une discussion sur l'etat des études au sujet de l'histoire médiévale au Brésil dans les 20 dernières années, je présente ici une analyse des actions institutionnelles entreprises par le Programa de Estudos Medievais (Pem) de l'UFRJ depuis 1998. Je souhaite mettre en avant, surtout, la place des recherches sur la péninsule ibérique médiévale dans ce centre académique, aussi bien que la singularité de telles réflexions historiographiques.

Mots-clés : chroniques médiévales; historiographie et bilan.

● **Enviado em: 25/07/2011**
● **Aprovado em: 29/11/2011**

1. Existe estudo da crônica medieval no Brasil?

Em 1981, o autor colombiano Gabriel García Márquez surpreendeu seus leitores com a publicação da obra *Crônica de uma morte anunciada*, em que estampou o desfecho na primeira página e a cada uma delas conseguiu manter fisgados os seus leitores na narração da desventura de Santiago Nasar. O romance merece ser evocado pela polissemia de *crônica*; pela referência mesma ao gênero discursivo; pelo caráter da narrativa, de "reportagem" literária dos fatídicos eventos que desgraçariam o protagonista, e pela ambição desse ensaio, em que intento esboçar o estado em que se encontra hoje no Brasil o estudo de um gênero de composição histórica; momento em que, sem nenhum apreço pelo mistério do desfecho, como Gabriel García Márquez, qualifico como tendo existência e representatividade. Como esboço, assinalo de antemão seu caráter lacunar que merece um empenho (talvez de equipe) para o mapeamento exaustivo de que precisamos ou refutação do que apresento.

A longevidade do vocábulo *crônica* e sua especial transformação na diacronia merecem algumas palavras que dêem conta de seu sentido aqui. Aberto o *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, é possível elencar alguns traços que compõem o gênero na sua modalidade ibérica entre os séculos XIV e XV: perspectivação do passado, Reconquista, traduções, memória de um reino e justificação narrativa[1], poderíamos acrescentar: sucessão, tradição e verdade. A historiografia medieval portuguesa nasceu do primeiro elemento listado, escudada pela tradução e logo seguiu em direção à memória e à justificação, sobretudo quando se evoca o labor do primeiro cronista régio, Fernão Lopes (1385-1460). Assim, é sobre a maneira como a historiografia brasileira tem abordado uma realização histórico-literária específica dos séculos outonais do medievo que escrevo.

No caso, merece destaque de antemão o livro de Susani Silveira Lemos França, publicado em 2006, que buscou analisar "as circunstâncias históricas e culturais que concorreram para que a história ganhasse no final da Idade Média a importância que ganhou e se constituísse do modo como se constituiu; e os princípios que [nortearam e definiram] as crônicas dos [cronistas] em questão"[2], a saber: Fernão Lopes, Gomes Eanes de Zurara e Rui de Pina. A seriedade do projeto e o nível da análise contribuiriam para ratificarmos a representatividade do estudo da crônica.

[1] LANCIANI, Giulia, TAVANI, Giuseppe (Org. e Coord.). *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa* (2ª ed.). Lisboa: Editorial Caminho, 1993. p.173-175.

[2] FRANÇA, Susani Silveira Lemos. *Os reinos dos cronistas medievais (século XV)*. São Paulo: Annablume; Brasília: Capes, 2006.

Infelizmente a quase completa ausência de nomes brasileiros na bibliografia[3] parece apontar para uma carência que a historiadora viria ajudar a dirimir, ao lado das contribuições da historiografia portuguesa e francesa, suas preferidas na obra em questão.

Se o recente livro de Susani França ignora a pesquisa brasileira sobre a crônica, é preciso reconhecer que vivemos um bom momento para questionamento em vários níveis sobre a historiografia medieval no Brasil, que já tem produzido alguns panoramas de interesse[4]. Essas realizações evidenciam maturidade do campo, capaz de voltar-se a si mesmo a fim de perscrutar tendências. Nelas, também se mostra o predomínio de pesquisas ligadas à cultura e à política nas teses brasileiras de Doutorado em História; a preponderância do Medievo Ocidental (sobretudo Portugal) e a preferência pela realidade tardo-medieval (séculos XIII, XIV e XV), como recortes espaço-temporais[5]. Assim, ao demonstrar a relevância dos estudos sobre o Portugal medieval no cenário brasileiro, os panoramas evidenciam também a presença dos mesmos cronistas aludidos por Susani França: Fernão Lopes e Gomes Eanes de Zurara, dentre as fontes pesquisadas, em perspectiva que liga suas realizações ao gênero, à semiótica, à tradição afonsina, à "construção da identidade nacional portuguesa", à propaganda régia, à importação e apropriação de modelos, ao

[3] Entre as parcas lembranças do Brasil, destaco os nomes de Lênia Márcia Mongeli, em uma obra que não versa sobre a cronística, e o de João Gouveia Monteiro, este sim em breve e excelente livro, publicado em 1988, sobre a obra de Fernão Lopes.

[4] Destaco dentre alguns dos mais recentes (últimos 5 anos):

- VIEIRA, Yara Frateschi. "Os estudos medievais no Brasil: peso (ou leveza) de uma tradição" in *Anais do VII EIEM (Encontro Internacional de Estudos Medievais). Idade Média: permanência, atualização, residuidade. 2007)*. Fortaleza/Rio de Janeiro: UFC/ABREM, 2009. Panorama mais voltado à constituição do campo.
- RUST, Leandro Duarte, BASTOS, Mário Jorge da Motta. "*Translatio Studii*. A História Medieval no Brasil" in *Signum* 10 (2008). Painel amplo.
- "Les défis de l'historiographie médiévale au Brésil au début du XXI[e] siècle » de Fátima Regina Fernandes, apresentado na Universidade de Poitiers no dia 1 de julho de 2010, nas *Semaines d'Études Médiévales do CESCM*, ainda inédito. Detalhado panorama, com inflexão para a pesquisa sobre o medievo ibérico no Brasil.
- "Os Estudos Medievais no Brasil e a *Internet*: uma análise do uso dos recursos virtuais na produção medievalista (1995 a 2006)" de Leila Rodrigues da Silva e Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva, disponível em http://www.historiaimagem.com.br/edicao4abril2007/medievinternet.pdf (acesso em 5/6/2011). Interessante painel com inflexão para os benefícios da rede.
- "Faire l'histoire du Moyen Âge au Brésil : fondements, structures, développements" de Wanessa Colares Asfora, Eduardo Henrik Aubert et Gabriel de Carvalho Godoy Castanho, disponível em http://cem.revues.org/index6602.html (acesso em 5/6/2011). Amplo painel, repleto de dados quantitativos.
- "O Ocidente Medieval segundo a historiografia brasileira" de Ana Carolina Lima Almeida e Clínio de Oliveira Amaral, disponível em http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA4/PDF4/almeida-amaral-PDF.pdf (acesso em 5/6/2011). Panorama lacunar, conforme os próprios autores esclarecem na nota 1.

Sobre os estudos da Literatura Medieval no Brasil, destaco:

- "Os Estudos de Literatura Medieval no Brasil" de Márcio Ricardo Coelho Muniz, disponível em http://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/9840/5672 (acesso em 5/6/2011). Panorama de mérito, mas não exaustivo.

[5] "Faire l'histoire du Moyen Âge au Brésil(...)" e "Les défis de l'historiographie médiévale au Brésil(...)".

messianismo, ao estudo de personagens específicos, ao "discurso do paço"[6], às relações políticas, ao conceito de História, às construções teóricas de supremacia régia[7] e a outros elementos que são representativos dos diferentes interesses de pesquisa a que as crônicas medievais podem acorrer. Isso apenas no campo da História.

A pesquisa acadêmica que convoca as crônicas medievais como fontes privilegiadas de investigação não se insere, entretanto, apenas nesse campo. As Letras a destacam porque, como bem já precisou Leonardo Funes:

> [El] cruce entre la literatura y la historia parecería una operación deliberadamente anacrónica mediante la cual se transporta al ámbito medieval el fenómeno contemporáneo de disolución de los límites entre los diferentes tipos de discurso (entre lo literario y lo no literario). Y en cierta medida es así. Pero en mucha mayor medida, esta puesta el relación constituye una restitución del horizonte histórico propio del sistema cultural medieval, puesto que en esa época la historia todavía era una rama de las letras.[8]

Ou seja, como uma das realizações da Idade Média, incluída no ramo das Letras, as crônicas participam a um só tempo do universo de questões dos dois domínios e ainda de outros que a podem convocar segundo as razões científicas exigidas por esse tipo de documento, em diversas áreas de investigação.

A crônica histórica tardo-medieval é uma realização discursiva narrativa, construída a partir de pressupostos de uma tradição literária cristã, retomada e recriada por seus cultores, com intenção de verdade, ainda que incorpore elementos ficcionais que servem a essa verdade. Ela foi geral ou particular, construída à volta de um reinado ou individualidade, para legitimar seus promotores e servir de modelo (com exemplos e contra-exemplos) para a sociedade política. Ora, ao afirmar ser a crônica um texto narrativo, isso significa que seu estudo inclui elementos como foco, espaço, tempo, personagens, enredo, figuras e intertextualidade que, dentre mais componentes, interessam aos Estudos Literários; assim como a transcrição de manuscrito e a realização de edições críticas interessam prioritariamente à Filologia que, ao fim, acaba por realizar um trabalho de que todos os medievalistas precisam.

Quando se pensa mesmo na importância que têm as áreas de História e Letras, ao que poderíamos incluir a Filosofia, Educação e Artes, os eventos promovidos pela ABREM (Associação Brasileira de Estudos Medievais) não deixam dúvida: no EIEM (Encontro Internacional de Estudos Medievais) de 2005, das 127 comunicações apresentadas, 45 eram da área de História e 54, da área

6 "O Ocidente Medieval segundo(...)".
7 "Les défis de l'historiographie médiévale au Brésil(...)"
8 FUNES, Leonardo. "Elementos para una poética del relato histórico". in Amaia Arizaleta (éd.). Poétique *de la chronique. L'écriture des textes historiographiques au Moyen Âge (péninsule Ibérique et France)*. Toulouse – Le Mirail, Université, 2008. p.241.

de Letras, incluindo Literatura, Filologia e Lingüística[9]. Em 2011, a organização do IX EIEM dividiu mesmo o evento em 3 partes: o ofício do medievalista na História; o ofício do medievalista nas Letras e o ofício do medievalista na Filosofia[10].

No panorama sobre os estudos de Literatura Medieval no Brasil realizado por Márcio Muniz, são destacados dois "grandes campos de interesse dos pesquisadores da literatura medieval no Brasil: a literatura portuguesa e galego-portuguesa, e a literatura brasileira, em perspectiva comparada, com enfoque nos estudos de fontes e influências" [11]. O pesquisador não menciona o estudo da crônica medieval, o que não significa que seu estudo não se faça no Brasil. A recente publicação da tese de Doutoramento de Maria do Amparo Tavares Maleval[12] (defendida em 1982) merece destaque, tanto pelo papel que a pesquisadora representa na área, quanto pela qualidade do texto que ela refundiu para a publicação, quanto ainda e, por fim, pelo momento em que o trabalho vem a público. Consultada a linhagem formada por seus orientandos[13], ressalto, porém, a ausência de continuadores na seara aberta por ela em 82, o que pode ser revertido, levando-se em consideração seu projeto de pesquisa atual[14].

2. ABREM, *Signum* e EIEMs: um balanço

O cadastro fornecido em junho de 2011 pela presidência da ABREM[15] lista 648 associados, dentre docentes, discentes e pesquisadores autônomos. Desses, cerca de 50 são estrangeiros. Uma busca na *Plataforma Lattes*, guiada para os docentes brasileiros e seus projetos de pesquisa, chega a 7 pesquisadores que, na síntese dos seus projetos atuais, declararam expressamente trabalhar com crônicas medievais[16]. Há certamente mais pesquisadores[17] que examinam esse tipo de

9 "Os Estudos de Literatura Medieval no Brasil".

10 http://www.abrem.org.br/eiem/paginas.php?id=10 (acesso em 8 de junho de 2011).

11 "Os Estudos de Literatura Medieval no Brasil", p.6.

12 MALEVAL, Maria do Amparo Tavares. *Fernão Lopes e a Retórica Medieval*. Niterói: Editora da UFF, 2010."A hipótese que norteou-me as reflexões diz respeito à negação 'retórica' que o genial primeiro cronista-mor de Portugal estabelece no prólogo da *Crónica delRei dom João I da boa memória*, parte primeira – de que nela o leitor ou ouvinte não encontraria '*fremosura e novidade de pallavras*', mas sim a '*clara*' e '*nua*' '*çertidom da verdade*' (LOPES, 1977, p.2-3). Então, intentei demonstrar que Fernão Lopes usou, sim, de ornamentos vários para vestir' o discurso factual" (p.15). Qual é a importância dessa vertente de análise para o historiador? Na verdade, Maria do Amparo Maleval analisa a maneira como Fernão Lopes lidou com a retórica e esse modo traduz um caminho de recepção de textos clássicos ou imagens deles que interessam à compreensão de maneiras de ver e pensar de então, um dos objetivos de pesquisa do historiador.

13 http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4787495D5 (acesso em 8 de junho de 2011)

14 "A retórica das hagiografias e crônicas medievais galego-portuguesas (séculos XII-XV)", projeto que será desenvolvido até 2012, segundo dados apurados em 30/06/2011 na *Plataforma Lattes*.

15 Biênio 2009-2011, Presidente: Prof. Dr. Marcus Cruz (UFMT).

16 São eles (levantamento realizado entre 29 e 30 de junho de 2011): Adailson José Rui (UNIFAL); José Carlos Gimenez (UEM); Marcella Lopes Guimarães (UFPR); Maria do Amparo Tavares Maleval (UERJ); Maria do Carmo Parente Santos (UERJ); Rita de Cássia Mendes Pereira (UESB) e Susani Lemos França (UNESP).
Devo apontar, porém, que inúmeros nomes de pesquisadores da lista enviada pela presidência da ABREM simplesmente não foram encontrados na *Plataforma Lattes*.

documentação para responder às suas perguntas, mas os 7 nomes encontrados mencionam claramente essas fontes, quer no título do projeto, quer no breve texto descritivo subsequente.

A pesquisa no cadastro da ABREM pode revelar mais elementos se outros filtros forem aplicados (inclusão dos discentes ou leitura de todos os projetos mencionados pelos pesquisadores, por exemplo). Mas a associação ainda oferece outros vieses para o conhecimento do universo em questão, um deles pode advir da pesquisa nos números da revista *Signum*. Mas, antes, cabe questionar, como fez Márcio Muniz[18] se o periódico é representativo dos estudos medievais no Brasil. A mais importante publicação da área em nosso país, criada em 1999, passou por uma grande reformulação em 2010 cujo traço mais visível foi torná-la acessível na *internet*. Ao longo da sua história impressa (até o número 10), abrigou artigos inéditos, clássicos, resenhas, debates, entrevistas e ensaios bibliográficos. Contou com a participação de medievalistas estrangeiros e, mesmo que essa presença e a autonomia em relação à ABREM sejam algumas das razões para que Márcio Muniz reconheça a sua importância, mas não o seu caráter de "retrato", ela revela escolhas feitas que encontraram algum respaldo da mesma ABREM e de seus associados, que recebiam em casa o volume.

Em consulta aos seus números, é possível perceber uma incrível multiplicidade de fontes, abordagens e temporalidades dentro do medievo. Essa diversidade que pode se remeter à autonomia aludida por Muniz iluminou muitos horizontes de pesquisa desde a criação da revista. Nesse painel diverso, as crônicas medievais foram fontes fundamentais para poucos artigos. Na *Signum* 1, Oliveira Marques convocou as crônicas de Zurara para elucidar questões sobre as viagens quatrocentistas, como quando mencionou o conhecimento que os portugueses tiveram de adquirir contra flechas envenenadas e outras peçonhas desconhecidas no seu contato com África e Brasil[19]. Na *Signum* 6, Paulo Drumond Braga pesquisou inúmeras crônicas, destaco a trilogia de Fernão Lopes e a obra Rui de Pina, para "em resumo, verificar se a sexualidade régia era ou não diferente da dos demais atores sociais [em uma sociedade tão complexa como a medieval]"[20]. Finalmente na *Signum* 11 (2)[21], de 2010, claramente mais voltada à historiografia, há o texto de Cecilia Devia, "De instrumento a víctima: miedo al rey y privanza en la *Crónica de Pedro I* del Canciller Ayala". Nele,

---

Agradeço à Maria Lopes a colaboração na busca dos dados.

17 Por exemplo, o projeto atual de Risonete Batista de Souza (UFBA), "Edição e análise de textos medievais românicos", parece incluir crônicas medievais, mas a pesquisadora não cita claramente a documentação.

18 "Os Estudos de Literatura Medieval no Brasil", p.3 e 4.

19 MARQUES, Antônio Henrique de Oliveira. "As viagens quatrocentistas no seu quotidiano" in *Signum* (Revista Brasileira de Estudos Medievais), n°1 (1999). p. 133.

20 BRAGA, Paulo Drumond. "Os reis e o sexo na Idade Média portuguesa" in *Signum* (Revista Brasileira de Estudos Medievais), n°6 (2004). p.13.

21 http://www.revistasignum.com/signum/index.php/revistasignumn11/issue/current (acesso em 9 de junho de 2011)

a autora questiona a primeira crônica escrita pelo castelhano Pero Lopez de Ayala (1332-1407), a fim de perscrutar os caminhos da violência narrados pelo cronista da dinastia trastamarista.

A multiplicidade de interesses no cenário dos estudos medievais do Brasil que transparece na escolha dos artigos publicados na *Signum* se evidencia também nos Anais resultantes dos vários EIEMs, já aludidos acima. É importante lembrar que, nos Encontros Internacionais da ABREM, pesquisadores de experiência diversa podem apresentar trabalhos[22]. Folheando, entretanto, as atas dos EIEMs de 2005 e 2007 e os cadernos de resumo de 2009 e 2011[23], os textos apresentados que têm as crônicas medievais como documentação importante podem ser visualizados na proporção abaixo. Destaco ainda que a leitura dos títulos das comunicações apresentadas reafirma a preponderância da cronística ibérica.

Anos em que ocorreram EIEMs	Porcentagem de trabalhos sobre crônicas
2005 (VI EIEM na UEL)	4%[24]
2007 (VII EIEM na UFC)	8%[25]

[22] Ou seja, é possível que um aluno de Graduação que está a realizar uma pesquisa de Iniciação Científica participe da mesma mesa de apresentação e debate de um Professor Doutor

[23] Os anais do VIII EIEM não foram lançados no IX EIEM, portanto no caso dos eventos de 2009 e 2011, este ensaio só pode se reportar ao texto dos resumos.

[24] Dos 144 textos publicados nos 3 volumes de Anais. Destaco entre os textos que convocam as crônicas medievais como fontes importantes:

- "Ensaio: as origens da 'analogia antropomórfica monárquica' no reino católico de Toledo (séculos VI-VIII)" de Ruy de Oliveira Andrade Filho (V. I);
- "A matéria da Bretanha na construção dos modelos de nobre e rei ideal através da *Crónica de D. João*" de Adriana Zierer (V.II);
- "Os cercos de Lisboa e a revolução através da *Crónica do Cruzado OSB*" de Ana Letícia Pereira Marques Ferreira (VIII);
- "O 'hábito' franciscano do cronista português Fernão Lopes" de Marcella Lopes Guimarães (V.III).
- "O exílio do Cid campeador e as disputas políticas nos reinos de Leão e Castela (séc. XI)" de Bruno de Melo Oliveira (V.III);
- "A virtude da prudência e a sabedoria régia no pensamento político de Afonso X" de Marina Kleine (V.III).

Esses textos examinam as crônicas segundo objetivos muitos diversos, ora elas são fontes muito secundárias, ora principais e ora servem como contraponto para uma comparação. Essa observação também faz sentido para os levantamentos subseqüentes dos EIEMs.

[25] Dos 99 textos publicados no volume único dos Anais, destaco:

- "Unção régia asturiana: uma resposta às demandas políticas e sociais" de Bruno de Melo Oliveira;
- "Discursos e estratégias de poder na Idade Média peninsular" de Fátima Regina Fernandes;
- " 'E o que pensávamos que nos fosse contrário nos ajudou': '*la virtut de Déu*' como intervenção divina na travessia para a conquista de maiorca (1229) no *Livro dos Feitos* (c.1252-1274) do rei Jaime I (1208-1276), o *Conquistador*";
- "D. João de Castro (1352-1397): herói de uma crônica perdida" de Marcella Lopes Guimarães;
- "Conexões entre a obra de Fernão Lopes e a de Antônio Vieira" de Maria Alice Werneck da Silva Dias;
- "A Crônica do Imperador Clarimundo: a ficção como espelhamento do real" de Maria Helena Fioravante Peixoto;
- "A 'Cronica del rei Dom Affomso', fonte perdida da Crónica de 1419" de Maria Isabel Rosa Dias;
- "D. Afonso V (1448-1481): 'de aquém e de além-mar' em África" de Renata Cristina de Sousa Nascimento.

2009 (VIII EIEM na UFES)	5,5%[26]
2011 (IX EIEM na UFMT)	9%[27]

Os interesses a que as crônicas respondem são diversos, o que eleva a importância dessa documentação para a elucidação dos modos de viver, de desejar ser visto, de pensar, de se relacionar com a tradição, com o passado e com o futuro. As crônicas narram histórias e tão importante quanto averiguar a sucessão de fatos e coteja-los com outros tipos de fontes, é analisar a maneira como o cronista narrou: seus juízos, interferências, interlocução, metáforas e natureza das compilações realizadas. Parafraseando Ginzburg, não tanto o que os cronistas leram, pois muitas de suas leituras são mesmo indiretas, mas como leram[28]. No caso, os filtros que intermediaram a

---

Novamente sobressaem diferentes objetivos. Ressalto o detalhe de ter incluído o texto sobre a *Crônica do Imperador Clarimundo*, ficcional e quinhentista. Fi-lo pela tradição a que a fonte se liga. Não por acaso, depois da escrita da obra, João de Barros seria incumbido da escrita de uma História.

[26] Dos 148 resumos de comunicações publicados no caderno, destaco:

- "A realeza sagrada na Castela do século XIII" de Almir Marques de Souza Júnior;
- "Para a glória dos nobres: relações de poder no noroeste africano e a produção cronística de Gomes Eanes de Zurara" de Daniel Augusto Arpelau Horta;
- "Dinis, o infante e Nuno, o condestável: dois modelos de nobre na época de Aljubarrota" de Fátima Regina Fernandes;
- "O apelo ao apóstolo Santiago e as 'aparições' do santo na conquista de México-Tenochtitlán (1519-1521), segundo as crônicas espanholas: um prolongamento do discurso medieval no mundo novo" de Guilherme Queiroz de Souza;
- "O poder maquiavélico na Crônica de D. João II" de Iremar Maciel de Brito;
- "A relação entre o passado e o presente: Pedro, o cerimonioso (1336-1387) e o 'Manuscrito de Poblet' (1343)" de Luciano José Vianna;
- "Os Trastâmara de Pero Lopez de Ayala (1332-1407) ou quando os heróis são de acanhado fulgor" de Marcella Lopes Guimarães.

Ressalto que a conferência de abertura do evento intitulava-se "Retórica e Historiografia: Fernão Lopes" e foi proferida por Maria do Amparo Tavares Maleval.

[27] Dos 101 resumos publicados no caderno, destaco:

- "A normativa, a prática e o uso da História no processo de sucessão de Alfonso X, o sábio" de Adailson José Rui;
- "O conde, o linhagista e o cronista: uma proposta de reconstituição do passado ibérico nas obras de Pedro de Barcellos (1285-1354)" de Adriana Mocelim de Souza Lima;
- "Apropriação e ordenação do passado: uma análise sobre as crônicas asturianas (séc. IX-X)" de Bruno de Melo Oliveira;
- "A Construção da idéia de Reconquista na Primeira Crónica General de España de Alfonso X, o sábio" de Ederson José de Vasconcelos;
- "Ó rei venturoso!": Ibn Afonso (Pedro, o Cruel), sultão e rei de Castela" de Elaine Cristina Senko e Marcella Lopes Guimarães;
- "A orfandade em Portugal no século XV: aspectos caritativos e assistencialistas contidos na legislação portuguesa" de João Bosco Ferreira Brandão;
- "O culto às relíquias: entre a fantasia e a realidade" de Jordano Viçose;
- "As representações do mouro na narrativa da conquista de Maiorca no *Livro dos Feitos* de Jaime I de Aragão" de Rodrigo Prates de Andrade.

Ainda que não identifique no resumo a cronística, destaco o texto "O projeto expansionista português e o desastre de Tânger (1438): a construção da santidade de um infante" de Renata Cristina de Sousa Nascimento pelo que aferi durante a sua apresentação em 4/7/2011. Aponto por fim a alusão às crônicas no resumo intitulado "O leão, a águia e o morcego: considerações sobre uma metáfora política da Inglaterra normanda" de Maria de Nazareth Corrêa Accioli Lobato.

[28] A paráfrase se remete a *O Queijo e os vermes*.

relação com outros textos são fundamentais para a reconstituição de um tipo de ordenação do mundo que os letrados, seus autores, fizeram.

3. Banco de Teses da CAPES[29]: um retrato possível

Uma fonte fundamental para o conhecimento do estudo da crônica medieval no Brasil é o portal *Banco de Teses da Capes*. É certo que ele tem limitações, pois só abriga dados relativos às Dissertações e Teses defendidas a partir de 1987[30], mas o seu caráter institucional facilita imensamente a consulta, pois os Programas de Pós-Graduação brasileiros são obrigados a dar as informações que alimentam o Portal. Uma pesquisa que singularize "crônica" reunirá um imenso material facilitado pela plasticidade do sentido do vocábulo (como evocado a partir do primeiro parágrafo deste texto). Algumas mais específicas ajudam o mapeamento. Levando em consideração a proeminência do estudo do medievo ibérico, um filtro "Fernão Lopes" e "crônica", chega a 7 teses brasileiras[31] (1º quadro), cinco delas defendidas no novo milênio; já "Gomes Eanes de Zurara" e "crônica" revela apenas uma. A singularização da expressão "crônicas medievais", traz também 7 teses para o levantamento, uma que não é de História ou Letras[32].

1º quadro:

Adriana Maria de Souza Zierer. Paraíso, Escatologia e Messianismo em Portugal à época de D. João I. - 01/08/2004
Eliana Correia Brandão Gonçalves. Homens e armas: um estudo semântico em crônicas de Fernão Lopes - 01/03/2007
Hilma Pereira Ranauro. Contribuição ao estudo semântico da preposição Por e Per na *Crónica de D.Joao I*(1. Parte)De Fernao Lopes. - 01/10/1990
Marcella Lopes Guimarães. Estudo das representações de monarca e nas crônicas de Fernão Lopes (séculoXIV e XV) - 01/04/2004
Marcelo Santiago Berriel. Cristão e Súdito: Representação Social Franciscana e Poder Régio em Portugal (1383-1450) - 01/03/2007
Miriam Cabral Coser. O Modelo de Rainha nas Crônicas de Fernão Lopes e Zurara (Portugal - sec. XV) - 01/08/2003
Wilson Valentim Biasotto. Imaginario e realidade social nas Crônicas de Fernão Lopes. - 01/05/1995

29 http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses (acesso em 9 de junho de 2011).

30 A importante tese de Maria do Amparo Maleval já aludida aqui está, portanto, fora do portal. Como essa, outras certamente estão.

31 Dados recolhidos em 9 de junho de 2011. Dei preferência nesse levantamento às teses por se constituírem a realização de um pesquisador pleno. Mas se o mesmo filtro fosse incluísse o Mestrado, chegaríamos a 14 dissertações.

32 O levantamento põe a nu a dificuldade de os pesquisadores mesmo no Doutorado escolherem as palavras-chave mais acertadas para a divulgação de seus trabalhos. A expressão "crônicas medievais" excluiu a minha própria tese, em que claramente elas são as fontes principais.

Em atenção a um dos grandes eixos que Márcio Muniz revela para os estudos da literatura medieval, um filtro "lírica medieval" traz à cena 9 teses (2º quadro)[33]; outro filtro "cantigas medievais" chega a 6 e, tanto no primeiro quanto no segundo, sobressai a segunda derivação que o pesquisador destacou, o da pesquisa comparativa, caso da alusão à obra de Chico Buarque. Entretanto, comparados os números de teses que contemplam fontes cronísticas e fontes poéticas, não há discrepância. Cada um em particular, superado hoje pelo estudo das hagiografias, com 10 teses (sendo 5 em História).

2º quadro:

Bernardo Monteiro de Castro. As Cantigas de Santa Maria: um estilo gótico na Lírica Ibérica Medieval. - 01/03/2002
Cláudio Artur de Oliveira Rei. A Herança estilística das cantigas medievais na lírica de Chico Buarque - 01/03/2007
Heloísa Guaracy Machado. Da visão teológico-antropocêntrica nas 'cantigas de Santa Maria': um estudo sobre a concepção medieval e cristã da História - 01/12/2002
Jarbas Vargas Nascimento. Lirismo e Religiosidade no Cancioneiro Mariano de Afonso X, o Sabio - a organizacao do texto poetico. - 01/12/1994
Kátia Aparecida Cruzes. A serilização em sete cantigas de amigo de dom Dinis: O processo amoroso como preceito ético medieval - 01/09/2003
Lindinalvo Alexandrino de Almeida. Substratos medievais na lírica brasileira contemporânea:contribuição ao ensino das literaturas portuguesa e brasileira - 01/10/2001
Márcia Gamboa. Os caminhos da arte de Trovar galego-portuguesa. Cânone, subversão e invenção. - 01/09/1999
Maria Mikahil Boccalato. De Corpo e Coração: Linguagens do Amor Medieval. - 01/05/2001
Risonete Batista de Souza. Os fremosos cantares do trovador Martin Soares. - 01/03/2003

4. Um retrato 3X4[34]

Elencados os dados oriundos da ABREM (cadastro de associados, EIEMs e revistas *Signum)* e do portal de teses da Capes, um estudo em menor escala pode revelar mais particularidades sobre o estudo das crônicas medievais no Brasil. Em 2002, um grupo de professores do Departamento de História da UFPR, Linha de Pesquisa **Cultura e Poder**, fundou o NEMED (Núcleo de Estudos Mediterrânicos). Esse grupo não era/é formado exclusivamente por medievalistas, tem em comum "a consciência da importância do mundo mediterrânico como forjador de diversas culturas e sistemas políticos ao longo do processo histórico da civilização ocidental desde a Antiguidade Clássica"[35]. Desde a sua fundação até o ano corrente, são pouco menos de 60 monografias

33 Dados recolhidos em 9 de junho de 2011.

34 Agradeço em especial a Lucas Domakoski Cordeiro o levantamento exaustivo de monografias e dissertações do NEMED (Núcleo de Estudos Mediterrânicos: http://www.nemed.he.com.br/).

35 http://www.nemed.he.com.br/apresentacao.htm (acesso em 15 de junho de 2011).

defendidas, das quais cerca de 17% convocam crônicas medievais para responder ao universo de questões que levantam. Algumas dessas monografias foram defendidas antes da criação do NEMED e foram orientadas por medievalistas fundadores do Núcleo[36]. No caso das dissertações, destacam-se pesquisas defendidas nos últimos 3 anos[37] sobre crônicas medievais. Os dados do NEMED são ilustrativos de genealogias na direção dos estudos do medievo no Brasil[38] e do quanto essa direção está associada a frentes de pesquisa[39] que, no caso do Núcleo de Estudos Medievais, inclui de maneira especial o exame das crônicas medievais.

5. Considerações finais:

Em "La crónica como hecho ideológico: el caso de la *Estoria de España* de Alfonso X", Leonardo Funes reconhece que os estudos cronísticos receberam incremento nos últimos anos, saíram de sua condição marginal e ganharam notoriedade[40]. No cone Sul, a instituição do SECRIT[41], Seminario de Edición y Crítica Textual, fundado em 1978, em Buenos Aires (Argentina), e de que faz parte o mesmo Funes, Professor de Literatura Medieval, tem como um de seus frutos mais ilustres as edições críticas das crônicas de Pero Lopez de Ayala[42]. Os números da *Incipit* do mesmo SECRIT manifestam ainda uma constante preocupação com o estudo da crônica. Há mais, embora. Ressalto que nos últimos anos tem havido intensa troca acadêmica entre os pesquisadores das áreas de História Antiga e Medieval da Argentina, Brasil e Chile[43] e que um levantamento de particularidades desse intercâmbio pode alimentar um painel mais amplo.

Se os índices utilizados aqui para a pesquisa apontam para uma delicada valorização nos moldes que Funes detectou, caberia perguntar que motivações têm influído na escolha dos medievalistas de 2000 para cá? Não só escolhas de pesquisa, mas publicações, tanto inéditas, caso

36 Prof. Dr. Renan Frighetto e Profa. Dra. Fátima Regina Fernandes.
Destaca-se o fato de que, depois da chegada da Profa. Fátima Regina Fernandes, esse número cresceu e recebeu incremento a partir de 2006.
Das 10 monografias levantadas, 9 foram defendidas depois de 2000; 7 depois de 2006. Conferir: http://www.nemed.he.com.br/acervo.htm (acesso em 30 de junho de 2011).

37 2 dissertações que orientei:
BERTOLI, André Luiz. *O cronista e o cruzado: a revivescência do ideal da cavalaria no outono da Idade Média portuguesa (século XV)*. Curitiba, UFPR, 2009.
SCHIAVINATO. Rodrigo Barbosa. *D. Pedro I de Portugal (1357-1367): entre o discurso cronístico e a voz das cortes*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, 2011.

38 "Faire l'histoire du Moyen Âge au Brésil : fondements, structures, développements".
No IX EIEM (2011), destaco a genealogia formada a partir do pesquisador Adailson José Rui (UNIFAL) acompanhado de dois orientandos que examinam a *Crónica Geral de España*.

39 "Faire l'histoire du Moyen Âge au Brésil : fondements, structures, développements".

40 FUNES, Leonardo. "La crónica como hecho ideológico: el caso de la *Estoria de Espanã* de Alfonso X" in *La Corónica*. 32.3 (2004).

41 http://www.conicet.gov.ar/webue/secrit/index.html (acesso em 13 de junho de 2011).

42 Exceto a de D. Henrique III.

43 Disso é prova a publicação: GUIMARÃES, Marcella Lopes, FRIGHETTO, Renan. *Instituições, poderes e jurisdições. I Seminário Agentina-Brasil-Chile de História Antiga e Medieval*. Curitiba: Juruá, 2007.

da obra de Susani França, quanto refundições, caso da tese de Maria do Amparo Tavares Maleval. Concluo com uma hipótese no espírito com que abri esse panorama, ou seja, que carece de confirmação ou refutação. Acredito que a resposta tenha a ver com os estudos sobre narrativa. Ora, o resgate do gênero, tanto o tipo de racionalidade específica construída por esse texto quanto a sua feição na apresentação da pesquisa no campo da História, tem interessado os historiadores em geral. As crônicas são uma das realizações da narrativa e abrem possibilidades de perspectivação do real bastante importantes, no sentido do encadeamento dos fatos e da narração em si, ou seja, neste caso, do olhar do narrador, que emite juízos para a elucidação do que passou e de como se isso deu.

Se dos anos 70 para cá, o campo da História foi sacudido pelas novas abordagens, problemas e objetos que, dentre outras escolhas, ofereceram aos historiadores a oportunidade de reintegrar grupos excluídos de uma história protagonizada pelos grandes homens, destaco a *história vista de baixo*, que é obviamente também realizada com documentos que não tinham por objetivo revalorizar esses agentes[44]; o movimento de abertura incluiu novas atitudes com relação a fontes que foram desprezadas pela historiografia, alguns documentos voluntários, dentre os quais as crônicas medievais.

Hoje, o conhecimento das possibilidades do estudo das crônicas medievais pode estreitar os laços entre as áreas de História e Letras em especial, que com seu universo diversificado de questões convida o pesquisador a construir desfechos provisórios e instigantes.

Curitiba, julho de 2011.

[44] Como os inquéritos que alimentaram o *Montaillou* de Ladurie e *O queijo e os vermes* de Ginzburg.